



SCOTT HAWKINS

A **BIBLIOTECA**
DO **MONTE CHAR**

AMOSTRA

SCOTT HAWKINS

A **BIBLIOTECA**
DO **MONTE CHAR**

Tradução
Fábio Fernandes



MORROBRANCO
EDITORA

A Biblioteca do Monte Char

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2015 SCOTT HAWKINS

ISBN: 978-65-6099-022-7

Translated from original The Library at Mount Char. Copyright © 2015 by Scott Hawkins. ISBN 978-0-553-41860-6. This translation is published and sold by arrangement with Crown, an imprint of Random House, a division of Penguin Random House LLC, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

H689b

1.ed. Hawkins, Scott

A biblioteca do Monte Char / Scott Hawkins ;

tradução Fábio Fernandes. – 1.ed. – Rio de Janeiro :
Morro Branco, 2025

Título original: The library at mount char.

ISBN 978-65-6099-022-7

I. Ficção norte-americana. I. Fernandes, Fábio.

II. Título.

09-2024/07

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benítez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano

Produtora Editorial: Luana Maura

Tradução: Fábio Fernandes

Copidesque: Nestor Turano Jr.

Revisão: Denise Himpel

Diagramação: Natalia Curupana

Capa: Karma Brandão


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



ablr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EDITORES INDEPENDENTES

ASSOCIADO



Editora
afiliada à:

*Para minha doce e extremamente paciente esposa,
Heather, com muito amor e muita gratidão*

AMOSTRA

PARTE I

**A BIBLIOTECA DE
GARRISON OAKS**

AMOSTRA

AURORA

I

Carolyn, encharcada de sangue e descalça, desceu sozinha a extensão de asfalto de mão dupla que os americanos chamavam de Rodovia 78. A maioria dos bibliotecários, inclusive Carolyn, passou a pensar nessa estrada como o Caminho dos Tacos, assim chamado em homenagem a uma biboca mexicana para onde eles escapavam às vezes. O *guacamole*, ela lembrou, *é muito bom*. Seu estômago roncou. Folhas de carvalho, laranja-avermelhadas e deliciosamente crocantes, estalavam sob seus pés enquanto ela caminhava. Sua respiração saía em baforadas brancas no ar antes do amanhecer. A faca de obsidiana que ela usara para assassinar o detetive Miner estava aninhada em suas costas, afiada e escondida.

Ela estava sorrindo.

Os carros eram poucos, mas não desconhecidos naquela estrada. Ao longo de sua caminhada noturna, ela tinha visto cinco deles. O que estava parando agora, um velho Ford F-250, foi o terceiro que parou para olhar mais de perto. O motorista encostou no acostamento oposto, o cascalho estalando, e ficou ali parado. Quando a janela desceu, ela sentiu cheiro de tabaco de mascar, graxa rançosa e feno. Um homem de cabelos brancos estava sentado atrás do volante. Ao seu lado, um pastor alemão a olhava com desconfiança do banco do carona.

Abhh, merda. Ela não queria machucá-los.

— Jesus — disse ele. — Houve algum acidente? — Sua voz era calorosa e preocupada, de verdade, não o tom falso de predador que o último homem tinha tentado. Ela ouviu isso e soube que o velho a estava vendo como um pai veria sua filha. Relaxou um pouco.

— Não — disse ela, olhando de banda para o cachorro. — Não foi nada disso. Só uma confusão no celeiro. Um dos cavalos. — Nem celeiro nem cavalo havia. Mas ela sabia pelo cheiro do homem que ele simpatizava com os animais, e entenderia que esse tipo de situação com eles poderia ser sangrento. — Parto difícil, pra mim e pra ela. — Ela lançou um sorriso triste e estendeu as mãos para emoldurar seu torso, a seda verde, agora preta e dura com o sangue do detetive Miner. — Estraguei meu vestido.

— Experimente um pouquinho de club soda — o homem disse com segura. O cachorro rosnou um pouco. — Quietinho, Buddy.

Ela não sabia bem o que era “club soda”, mas percebeu pelo seu tom que era uma piada. *Não do tipo de provocar gargalhadas, mas do tipo compassivo.* Bufou.

— Vou fazer isso.

— O cavalo está bem? — Preocupação real novamente.

— Sim, ela está bem. O potro também. Mas a noite foi longa. Só estou dando um passeio pra clarear a cabeça.

— Descalça?

Ela deu de ombros.

— Aqui os pés são cascudos mesmo. — Essa parte era verdade.

— Quer uma carona?

— Não. Mas obrigada. A casa de meu pai é logo ali, não é muito longe. — Isso também era verdade.

— O quê, perto dos correios?

— Fica em Garrison Oaks.

Os olhos do velho ficaram distantes por um momento, tentando se lembrar de onde é que ele conhecia aquele nome. Pensou nisso por um tempo, então desistiu. Carolyn podia ter dito que ele poderia passar com seu carro por Garrison Oaks quatro vezes por dia todos os dias durante mil anos e ainda assim ele não se lembraria, mas não disse.

— Ahhhh... — disse o velho vagamente. — Está certo. — Olhou para as pernas dela de um jeito que não foi particularmente paternal. — Tem certeza de que não quer uma carona? O Buddy não se importa, não é? — Ele deu uma palmadinha no cachorro gordo no assento ao lado. Buddy apenas observou, seus olhos castanhos ferozes e desconfiados.

— Estou bem. Ainda limpando minha cabeça. Mas obrigada. — Ela esticou o rosto em algo que parecia um sorriso.

— Claro.

O velho engatou a marcha e seguiu em frente, banhando-a com uma nuvem quente de fumaça de diesel.

Ela ficou olhando até que as lanternas traseiras desaparecessem após uma curva. *Isso é socialização suficiente por uma noite, eu acho.* Ela escalou o penhasco e deslizou para a floresta. A lua ainda estava alta, ainda cheia. Americanos chamavam essa época do ano de “outubro” ou às vezes de “outono”, mas os bibliotecários calculavam o tempo pelos céus. Aquela noite era a sétima lua, que é a lua do lamento preto. Sob sua luz as sombras dos galhos sem folhas iluminaram brevemente suas cicatrizes.

Mais ou menos dois quilômetros depois, ela chegou à árvore oca onde tinha escondido seu manto. Sacudiu as cascas de árvore e o limpou da melhor maneira que pôde. Guardou um pedaço do vestido ensanguentado para David e jogou o resto fora, então se enrolou no manto, puxando o capuz sobre a cabeça. Ela gostava do vestido — seda lhe caía bem — mas o algodão áspero do manto a confortava. Era familiar, e isso era tudo o que ela queria saber a respeito de roupas.

Entrou mais fundo na floresta. As pedras sob as folhas e palha de pinheiro provocavam uma sensação boa contra as solas de seus pés, satisfazendo uma necessidade que ela não sabia que sentia. *É logo depois da próxima crista,* ela pensou. *Garrison Oaks.* Ela queria reduzir todo o lugar a cinzas, mas, ao mesmo tempo, até que seria bom para vê-lo outra vez.

Lar.

II

Carolyn e o resto não nasceram bibliotecários. Antes — e parecia ter sido muito tempo atrás — eles eram realmente muito americanos. Ela se lembrava um pouco disso — tinha uma coisa chamada *A mulher biônica* e outra chamada Reese’s Peanut Butter Cups. Mas num dia de verão, quando Carolyn tinha cerca de oito anos, os inimigos do Pai avançaram contra ele. Ele sobreviveu, assim como Carolyn e um punhado de outras crianças. Os pais delas não.

Ela se lembrava de como a voz do Pai chegava através da fumaça escura que cheirava a asfalto derretido, de como a cratera profunda,

onde as casas estiveram, brilhava num tom laranja fosco atrás dele enquanto falava.

— Agora vocês são pelapi — disse o Pai. — É uma palavra antiga. Significa algo como “bibliotecário” e algo como “pupilo”. Vou levar vocês para minha casa. Vou criá-los da maneira antiga, como eu mesmo fui criado. Vou ensinar as coisas que aprendi.

Ele não perguntou o que eles queriam.

Carolyn, que não era ingrata, deu o melhor de si no começo. Sua mãe e seu pai estavam mortos, mortos. Isso ela entendeu. O Pai era tudo o que tinha agora e, a princípio, parecia que ele não pedia tanto. Mas a casa do Pai era diferente. Em vez de doces e televisão, tinha sombras e livros antigos, escritos à mão em pergaminho grosso. Eles acabaram por descobrir que o Pai estava vivo havia muito tempo. E mais: ao longo de sua longa vida, ele dominara a criação de maravilhas. Podia invocar um raio ou parar o tempo. As pedras falavam com ele pelo nome. A teoria e a prática desses ofícios foram organizadas em doze catálogos: um para cada criança, por acaso. Tudo o que ele pedia era que fossem diligentes nos estudos.

A primeira pista de Carolyn sobre o que isso de fato significava veio algumas semanas depois. Ela estava estudando em um dos quiosques iluminados espalhados aqui e ali pelo piso de jade da Biblioteca. Margaret, então com cerca de nove anos, saiu correndo das prateleiras altas e sombrias do catálogo cinza. Ela estava gritando. Cega de terror, tropeçou numa mesinha e derrapou até parar quase aos pés de Carolyn. Carolyn fez sinal para que ela se escondesse embaixo da mesa.

Margaret ficou tremendo nas sombras por cerca de dez minutos. Carolyn sibilou perguntas à outra, mas ela não quis falar, talvez não conseguisse. Mas as lágrimas de Margaret estavam manchadas de sangue e, quando o Pai a puxou de volta para as estantes, ela se molhou. Isso foi resposta suficiente. Carolyn às vezes pensava em como a amônia quente da urina de Margaret se misturava com o cheiro empoeirado de livros velhos, como seus gritos ecoavam pelas estantes. Foi nesse momento que ela começou a entender.

O próprio catálogo de Carolyn era mais chato que assustador. O Pai a designou para o estudo de idiomas e, por quase um ano, ela estudou fielmente as cartilhas. Mas a rotina a entediava. No primeiro verão de seu treinamento, quando ela tinha nove anos, foi até o Pai e bateu o pé.

— Chega! — gritou ela. — Já li livros suficientes. Eu sei palavras suficientes. Eu quero ir lá pra fora.

As outras crianças se encolheram com a expressão no rosto do Pai. Como prometido, estava criando-as como ele próprio fora criado. A maioria delas — inclusive Carolyn — já tinha algumas cicatrizes.

Mas, muito embora seu rosto tenha nublado, desta vez ele não bateu nela. Em vez disso, depois de um momento, respondeu:

— É mesmo? Muito bem.

O Pai destrancou a porta da frente da Biblioteca e a levou para o sol e o céu azul pela primeira vez em meses. Carolyn ficou encantada, ainda mais quando o Pai saiu da vizinhança e desceu até a floresta. No caminho, ela viu David, cujo catálogo era assassinato e guerra, balançando uma faca no campo no final da estrada. Michael, que treinava para ser o embaixador do Pai para as feras, estava empoleirado no galho de uma árvore próxima, conversando com uma família de esquilos. Carolyn acenou para os dois. O Pai parou na margem do pequeno lago atrás do bairro. Carolyn, tremendo de prazer, chapinhou descalça nas águas rasas e começou a pegar girinos.

Da margem, o Pai chamou a corça Isha, que tinha dado à luz há pouco temp. Isha e seu filhote, chamado Asha, vieram como ordenado, é claro. Eles começaram sua audiência jurando lealdade ao Pai com grande sinceridade e por algum tempo. Carolyn ignorou essa parte. A essa altura, ela estava totalmente entediada com as pessoas que se humilhavam diante do Pai. De qualquer forma, a língua dos veados era difícil.

Quando as formalidades terminaram, o Pai ordenou a Isha que instrísse Carolyn ao lado de seu próprio filhote. Ele teve o cuidado de usar palavras curtas para que Carolyn entendesse.

No começo, Isha relutou. Veados vermelhos têm uma dúzia de sinônimos para graciosidade, e nenhuma delas se aplicava aos pés humanos de Carolyn, tão grandes e desajeitados quando vistos ao lado dos cascos delicados de Asha e dos outros filhotes. Mas Isha era leal a Nobununga, o Imperador dessas florestas e, portanto, leal ao Pai. Além disso, ela não era burra. Não expressou nenhuma objeção.

Durante todo aquele verão, Carolyn estudou com os veados vermelhos do vale. Foi o último momento tranquilo de sua vida, e talvez o mais feliz também. Sob as instruções de Isha, ela correu com habilidade cada vez maior pelas trilhas da floresta mais baixa, saltou sobre o carvalho de musgo caído, se ajoelhou para morder trevo

doce e beber o orvalho da manhã. Àquela altura, a própria mãe de Carolyn estava morta já fazia um ano. Sua única amiga fora banida. O Pai era muitas coisas, nenhuma delas gentil. Então, quando, na primeira noite gelada do ano, Isha chamou Carolyn para se deitar com ela e seu filho para se aquecer, algo se partiu em seu interior. Ela não chorou nem demonstrou fraqueza — não era de sua natureza — mas aceitou Isha em seu coração total e completamente.

Não muito tempo depois, o inverno se anunciou com uma terrível tempestade. Carolyn não tinha medo dessas coisas, mas a cada relâmpago Isha e Asha tremiam. Os três eram uma família agora. Elas se abrigaram juntas sob um bosque de faias, onde Carolyn e Isha seguraram Asha entre elas, abraçadas para mantê-la aquecida. Ficaram ali juntas, deitadas, a noite toda. Carolyn sentiu seus corpos esguios tremerem, sentiu-os estremecer a cada trovão. Ela tentou confortá-los com carícias, mas eles se encolheram ao seu toque. À medida que a noite avançava, ela procurou na memória das aulas do Pai palavras que pudessem confortá-las — “não se preocupe” seria o suficiente, ou “já vai passar” ou “haverá trevo de manhã”.

Mas Carolyn tinha sido uma aluna ruim. Por mais que tentasse, não conseguia encontrar palavras.

Pouco antes do amanhecer, Carolyn sentiu Isha estremecer e bater com os cascos na terra, chutando as folhas caídas para expor a lama escura abaixo. Um momento depois, a chuva que escorria sobre o corpo de Carolyn estava quente, e o gosto em sua boca era salgado.

O relâmpago estalou então, e Carolyn viu David. Ele estava acima dela, parado em um galho a cerca de dez metros de distância, sorrindo de orelha a orelha. De sua mão esquerda pendia a ponta pesada de uma fina corrente de prata. Sem ter a intenção, Carolyn usou a última luz da lua para traçar o comprimento daquela corrente. Quando um raio brilhou outra vez, Carolyn olhou para o olho sem vida de Isha, atravessada junto com seu cervo pela ponta da lança de David. Carolyn estendeu a mão para tocar o cabo de bronze que se projetava do torso do cervo. O metal estava quente. Ele tremeu ligeiramente sob a ponta dos dedos, ampliando as vibrações fracas e cada vez mais leves do coração gentil de Isha.

— O Pai disse para observar e ouvir — disse David. — Se você tivesse encontrado as palavras, eu deveria deixá-las viver. — Então ele puxou a corrente de volta para si mesmo, soltando-os. — O Pai diz que está na hora de voltar para casa — disse ele, enrolando a

corrente com movimentos hábeis e praticados. — Está na hora de seus estudos de verdade começarem. — Ele voltou a desaparecer na tempestade.

Carolyn se levantou e ficou sozinha no escuro, tanto naquele momento quanto para sempre depois.

III

Agora, um quarto de século depois, Carolyn estava de quatro ajoelhada atrás da base de um pinheiro caído, espiando através de um arbusto espesso de azevinho. Se ela inclinasse a cabeça só um pouquinho, teria uma visão desobstruída da colina até a clareira do touro. Tinha cerca de vinte metros de largura e estava quase vazio. As únicas características dignas de nota eram o próprio touro e o monte de pedras de granito do túmulo de Margaret. O touro, um bronzeoco ligeiramente maior que o natural, estava bem no centro da clareira. Ele emanava um brilho suave e dourado sob o sol de verão.

A clareira era delimitada no lado mais próximo pelo bosque de cedros silvestres no qual Carolyn agora se escondia. Do outro lado, David e Michael estavam à beira de um declive acentuado na colina para abrir um pouco mais de espaço para a Rodovia 78. Do outro lado da estrada, cerca de seis metros abaixo, a placa de madeira desgastada marcando a entrada para Garrison Oaks pendia de uma corrente enferrujada. Quando a brisa soprava direito, era possível ouvir o rangido até ali em cima.

Carolyn tinha se esgueirado para muito perto, de fato, perto o suficiente para contar as tranças desgrenhadas e entrelaçadas dos dreads loiros de Michael, perto o suficiente para ouvir o zumbido das moscas ao redor da cabeça de David. David estava se divertindo fazendo perguntas a Michael sobre suas viagens. Vendo isso, Carolyn estremeceu. O catálogo de Michael era sobre animais, e talvez o tivesse aprendido bem demais. A fala humana era difícil para ele agora, até mesmo dolorosa, sobretudo quando ele tinha acabado de sair da floresta. Pior, ele não tinha astúcia.

Emily tinha visitado os sonhos dos bibliotecários na noite anterior, dizendo que David exigia que eles se reunissem no touro “antes do pôr do sol”. Isso era diferente de “o mais rápido possível”, uma distinção que ninguém, exceto Michael, ignoraria. Ainda assim,

isso podia ter sido a melhor coisa. Jennifer tinha ficado presa sozinha com David por semanas, os dois esperando notícias do Pai. Agora, enquanto David atormentava Michael, Jennifer — a menor e mais leve das bibliotecárias — trabalhava para derrubar o túmulo de Margaret. Ela ia de um lado para o outro na clareira, curvada por causa do peso de blocos de granito do tamanho de uma cabeça, seu cabelo loiro-avermelhado encharcado de suor. Mesmo assim, depois de semanas a sós com David, carregar granito sob o sol quente talvez fosse um alívio.

Mentalmente, Carolyn suspirou. *Acho que eu devia descer até lá e ajudá-los.* No mínimo, isso encorajaria David a dividir suas atenções entre três vítimas em vez de duas.

Mas astúcia era algo que Carolyn tinha de sobra. Antes, ela ouviria.

David e Michael encaravam Garrison Oaks. Michael, como seus pumas ao seu redor, estava nu. David usava um colete à prova de balas do exército israelense e um tutu lilás, coberto de crostas de sangue. A jaqueta era dele. O tutu era do armário do filho da sra. McGillicutty. Isso foi, pelo menos em parte, culpa de Carolyn.

Quando ficou claro que eles não poderiam voltar para a Biblioteca, pelo menos não no curto prazo, Carolyn explicou aos outros que precisariam usar roupas americanas para se misturar. Eles assentiram, sem de fato entender, e começaram a vasculhar os armários da sra. McGillicutty. David escolheu o tutu porque era a coisa mais próxima que ele poderia encontrar de sua tanga habitual. Carolyn pensou em explicar por que isso não significava “se misturar” e então desistiu. Ela aprendera a aproveitar bem suas risadas da forma que pudesse.

Seu nariz enrugou. O vento cheirava a podridão. *Margaret também está de volta?* Mas não, ela percebeu, a podridão era David. Depois de um tempo não se notava tanto, mas ela tinha ido embora. Moscas zumbiam em torno de sua cabeça formando uma nuvem.

Um ou dois anos atrás, David começou o hábito de espremer o sangue do coração de suas vítimas em seus cabelos. Ele era um homem peludo e um coraçãozinho qualquer rendia apenas algumas colheres de sopa, mas é claro que elas se somaram rapidamente. Com o tempo, a combinação de cabelo e sangue endureceu em algo parecido com um capacete. Um dia, curiosa, ela perguntou a Peter o quão

forte isso seria. Peter, cujo catálogo incluía matemática e engenharia, olhou para o teto por um momento, pensando.

— Muito forte — disse ele, meditativo. — O sangue coagulado é mais duro do que você pensa, mas é quebradiço. Os fios de cabelo tenderiam a aliviar isso. É o mesmo princípio do vergalhão em concreto. Hum. — Ele se curvou sobre seu bloco e rabiscou números por um momento, depois assentiu. — Sim. Bastante forte. Provavelmente pararia uma vinte e dois. Talvez até uma nove milímetros. — Por um tempo, David também havia pingado na barba, mas o Pai o fez esculpi-la fora quando ficou difícil virar a cabeça. Tudo o que restou foi um bigode comprido tipo o Fu Manchu.

— Onde você estava? — exigiu saber David, sacudindo Michael pelos ombros. Ele falava em pelapi, que não tinha nenhuma semelhança com o português ou qualquer outra língua moderna. — Você tem brincado na floresta, não é? Você terminou semanas atrás! Não minta pra mim!

Michael estava à beira do pânico — seus olhos reviraram descontrolados e ele saiu falando aos trancos e barrancos, conjurando as palavras com grande esforço.

— Eu estava... lan... jii.

— Lan-jii? Você quer dizer *longe*? Pra onde?

— Eu estava com... com... as coisinhas. O Pai que *falou*. O Pai falou pra estudar os caminhos dos humildes e dos pequenos.

— O Pai queria que ele aprendesse sobre camundongos — traduziu Jennifer, gritando por cima do ombro, grunhindo com o peso de sua pedra. — Como eles se movem. Com se escondem e coisas do gênero.

— De volta ao trabalho! — David gritou com ela. — Você está desperdiçando a luz do dia!

Jennifer voltou para a pilha e içou outra pedra, gemendo sob a carga. David, um metro e noventa e cinco de altura e muito musculoso, acompanhou isso com os olhos. Carolyn achou que ele deu um leve sorriso. Então, voltando-se para Michael:

— Gah. Ainda por cima camundongos. — Ele balançou a cabeça. — Sabe, eu não teria pensado que isso fosse possível, mas você pode ser ainda mais inútil do que Carolyn.

Carolyn, segura em seu esconderijo, fez um gesto grosseiro.

Jennifer deixou cair outra pedra no mato com um estrondo seco. Ela se endireitou, ofegante, e enxugou a testa com a mão trêmula.